

De Historia e de Poesia na Hispano-América

Nelci Müller¹

Resumo: A cultura indígena - seus povos, suas paisagens, seus temas e suas criações poéticas foi designada apenas como motivos exóticos, durante muitos séculos. Entretanto, estudos atuais, tanto sob o viés da história quanto da literatura, embasados inclusive nos discursos de conquistadores e colonizadores demonstram que, desde o período pré-colombiano, havia no novo mundo povos de grande conhecimento nas mais diferentes áreas do saber. As variadas visões históricas e o resgate de diversas obras literárias permitem atestar a sensibilidade e o alto nível cultural dos povos indígenas.

Palavras-chave: indígena hispano-americano, história, literatura.

Abstract: The indigenous culture - its peoples, its landscape, its themes, and its poetic creations - has been designated for many centuries only from an exotic perspective. Nonetheless, recent studies, from both a literary and a historical point of view, and based upon the discourse of the colonizer and the colonized, have shown that, since the pre-columbian period, there were in the new world peoples of a great knowledge in different fields. The various historical perspectives and the study of different literary works allow us to perceive the sensibility and the high cultural level of the indigenous peoples.

Key-words: indigenous peoples, history, literature.

1. Visão Histórica

A presença do novo mundo é levada ao espaço literário pelos próprios conquistadores e colonizadores. O exotismo das paisagens, de seus povos e de seus temas fortalecem as fontes de criação literária na Europa, constituindo, com o tempo, na primeira fonte do que, hoje, chama-se literatura hispano-americana.

¹Professora de Literatura na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Santo Ângelo, Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS.

Sob o ponto de vista da história, no período pré-colombiano, muitos povos que habitavam a terra americana já haviam atingido, na opinião de León Pomer¹, o grau de civilização como os maias, astecas e incas, os quais evoluem de confederações para teocracias e, posteriormente, para impérios.

Os maias, um povo de grande cultura, possuem instrumentos de astronomia *superiores aos antigos, e em certos aspectos, mais do que os europeus do tempo da conquista.*² Seus observatórios, hoje em ruínas, ainda surpreendem os pesquisadores. Esse povo extraordinário tem um sistema de escrita glífica e quatro calendários - um ritual (de 126 dias), um civil (de 360 dias) e dois de uso científico. Seus conhecimentos abrangem a matemática, a medicina, a arquitetura e a engenharia. O espírito religioso organiza a vida dos maias, os quais acreditam, de acordo com sua mitologia, terem sido criados do milho. A crença refletiu-se na sua própria economia, pois esta planta constitui uma extraordinária conquista agrícola e de civilização, decorrendo daí seu caráter sagrado.

O segundo povo, em importância, compõe-se de astecas ou mexicas (que deram origem ao nome atual do México), o qual se fixa numa região onde sobrevivem os restos de uma civilização superior denominada tolteca. O império asteca congrega trinta e oito províncias, sujeitando diversos povos, fazendo afluir a sua capital Tenochtitlán imensas riquezas. A época da chegada do europeu, em 1519, a grandiosa capital possui mais de um milhão de habitantes, caracterizando-se por suas ruas bem traçadas, canais e aquedutos, onde corre água potável, por seus luxuosos templos e palácios. O mercado de Tlatelolco constitui uma verdadeira cidade. Os astecas dominam a arte da ourivesaria, agricultura, tecelagem, cerâmica, arquitetura.

Atribuem importância à mensuração do tempo, com seus calendários, em que se misturam aspectos mágico-religiosos. Os livros escritos em hieróglifos revestem-se de grande valor e tratam de assuntos religiosos, rituais, migrações, origem e história das dinastias.

O império inca aglutina-se em torno de diversos idiomas, somando à época da conquista 15 milhões de pessoas que se dedicam sob as ordens do Estado, às atividades agropastoris, à guerra, à construção de vilas, estradas e pontes. Cada família trabalha sua parte na terra e recolhe o que ela produz, além do que seus membros obrigam-se a trabalhar gratuitamente em terras especiais, cuja produção destina-se ao Deus Sol, ao Inca, às viúvas e órfãos. Esse povo usa o *quipu*, cordões aos quais se amarram outros, cujos nós e cores têm significados determinados. Seus sábios, denominados *amautas*, são autores de obras dramáticas e não perdem a condição de conselheiros, historiadores e filósofos, cuja missão especial consiste em preservar e difundir a tradição cultural.

A tradição navegante ibérica traz uma série de inovações à vida européia e também à dos povos indígenas, a qual é produzida pela descoberta e pela tomada de posse das novas terras. O contato do branco com o indígena permite a construção de discursos plurais sobre esse encontro, entre esses a visão européia e a mestiça que, muitas vezes confirmam o grau de cultura desses povos.

1.1 A visão européia

Este panorama histórico demonstra que, apesar de, durante muito tempo, os povos índios terem sido considerados incultos, possuem, no entanto, uma longa tradição cultural que se expressa

através de sua literatura, de seus mitos, e vive ainda, inclusive nos enunciados daqueles que tentaram apagar esses registros. Durante a colônia, distingue-se a forma literária conhecida, na época como crônica, a qual possuía longa tradição na Europa. Os cronistas encarregam-se de salvar do esquecimento os fatos que envolvem indígenas, conquistadores e missionários no novo continente. Entre os documentos da época, destacam-se os *Diários* da descoberta da América, de Cristóvão Colombo (cartas em número de cinco das quais só se conhece quatro); as *Cartas de Relación*, de Hernán Cortés; *O paraíso destruído*: brevíssima relação da destruição das índias, do frei Bartolomé de las Casas.

Essas obras inscrevem-se nas crônicas de conquista, manifestações culturais de grande importância na época, pois são escritas pelos próprios protagonistas dos eventos. Em decorrência, surge uma gama de informações sobre o visto e o vivido que colabora para a projeção, na Europa, de uma imagem mítica da América. Além disso, oferecem uma ótica positiva da ação dos conquistadores na América. O primeiro documento que insere o indígena em suas páginas são os diários do navegador genovês Cristóvão Colombo.

Quando esse navegador chega ao continente em 1492, deslumbra-se ante a paisagem - as terras, o clima, os acidentes geográficos, o relevo - e, como se fizesse parte dessa paisagem, a gente. A terra onde habitam os índios mostra-se dadivosa, segundo relata em seus *Diários* da descoberta da América: *existem hortas de árvores das mais bonitas que já vi, tão verdes que as folhas lembram as de Castela nos meses de abril e maio, e muita água*³, na ilha de San Salvador.

Quanto aos habitantes, Colombo limita-se com frequência à descrição do aspecto físico: *muito bem feito, de corpos muito bonitos e cara muito boa, os cabelos grossos (...) e curtos*⁴; reparando ainda que *andavam nus como a mãe lhes deu a luz*⁵, como elementos integrados à paisagem.

Para Colombo, os índios são desprovidos de quaisquer traços culturais - *parece que não tinham nenhuma religião*⁶, nem costumes, entretanto, demonstram *ser pessoas que melhor se entregariam e converteriam a nossa fé pelo amor e não pela força (...). Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade*⁷. Admirado com a cordialidade, a hospitalidade do nativo, de quem recebe grande ajuda, Colombo escreve aos reis espanhóis para que não consentam *que aqui venha ou ponha pé nenhum estrangeiro, salvo católicos cristãos pois esse foi o objetivo e a origem do propósito, que esta viagem servisse para engrandecer e glorificar a religião cristã*⁸ e, ainda, que não se permitisse a vinda a estas paragens *a ninguém que não seja bom cristão*⁹, a fim de dar testemunho de bondade aos indígenas.

O navegador outorga-se o direito de *não passar por nenhuma ilha sem tomar posse* em busca de indícios que o levem a um grande reino *onde haveria verdadeiro esbanjamento de ouro*¹⁰. Além disso, considerando os índios uma folha em branco, propõe-se a levar para a Espanha alguns nativos *para que aprendam a falar*¹¹, ao não reconhecer a diversidade lingüística.

Acossado pela ganância em busca do ouro, Colombo não reconhece o direito do indígena sobre as terras onde aportara e nem à vida. Para o conquistador, o nativo vale apenas *como el único substituto dei oro que no há encontrado, pero que*

*ellos levan como única prenda de vestimenta*¹². No primeiro relato sobre a descoberta e conquista da América, há projeção de *dois mitos aparentemente contraditórios*: o primeiro se refere ao *bom selvagem*, quando o índio serve de possibilidade à descoberta do ouro; o segundo, ao *cão imundo*.

O propósito de levar o Evangelho aos povos encontrados no Novo Mundo parece ter-se tornado elemento secundário para o descobridor. Isso pode ter ocorrido porque, segundo Kirkpatrick Sale, ele não dissimulou muito esse enfoque utilitário da natureza, no qual *toda paisagem significa beleza em potencial e onde havia beleza, por conseguinte, havia tesouro e lucro: neste particular, ele era um autêntico filho da Renascença*¹³. Colombo foi um homem de negócios, importando-lhe mais determinar o uso e o valor potencial da natureza; entretanto, embora deseje descobrir ouro acima de tudo, também os índios se alinham na lista de objetos de troca por mercadorias (gado, mantimentos vindos da Espanha) as quais lhes *poderiam ser pagas em escravos destes canibais*¹⁴, conforme consta do memorial que o Almirante envia aos reis espanhóis, através de Antônio Torres.

Colombo almeja encontrar os grandes tesouros de que ouvira falar, porém os povos que já haviam atingido o grau de civilização e constituíam impérios, à época do descobrimento, não são encontrados por ele, mas por outros conquistadores - Fer-não Cortez domina os astecas e Francisco Pizarro, os incas.

Fernão Cortez envia cinco *Cartas de Relación*¹⁵ ao rei da Espanha, Carlos I, expondo as ações desenvolvidas no território ocupado, as quais resultam no novo modelo político do México

indígena e sua ocidentalização. Para dar a idéia de um território densamente povoado e da natureza pródiga, o conquistador relata sobre um contingente numeroso de índios com o qual se defronta em Yucatán. E informado, posteriormente, por seus comandantes, que o grupo é composto de oito províncias com 40.000 habitantes.

Cortez admira-se da planura da terra, de suas árvores frutíferas e da possibilidade de criar gado, vislumbrando novas atividades comerciais daí decorrentes. Chama-lhe atenção o aspecto físico, a indumentária dos índios, que estabelece a diferença entre a nobreza e a gente comum. O aspecto urbanístico dos povoados particulariza-se através de descrição das casas, algumas *de cinco patios dentro de uma sola casa, y sus aposentos muy concertados. Tienen sus pozos y albercas de água (...). Estas casas y mesquitas donde los tienen, son las mayores y mejores y más bien obradas*¹⁶, e reafirma o grau de desenvolvimento de seus habitantes.

A relação do botim, um quinto dos bens arrecadados dos indígenas, enviados por Cortez ao rei da Espanha, composto de objetos de valor máximo, atesta a sensibilidade e a especialidade dos artesãos no trabalho com metais e pedras como *dos collares de oro y pedrería, que el una tiene ocho kilos y en ellos docientas treinta y dos piedras coloradas y ciento y sesenta y tres verdes, y cuelgan (...) beintisiete cascabeles de oro*¹⁷, e na tecelagem de algodão, tais como camisas pintadas, mantas adornadas com plumas coloridas.

Quando Cortez entra em Tlaxcala, admira-se com o tamanho da cidade, seu traçado, seu governo e justiça, comparando-a a Granada; em Colua, registra um número expressivo de templos e de habitantes: *es tanta la multitud de la gente (...)*

*que ni un palmo de tierra hay que no esté labrada*¹⁸. Mas é em Tenochtitlán que se encontram os maiores tesouros. Ao entrar nessa cidade, Cortez recebe de presente jóias em ouro, prata, plumas e centenas de roupas de algodão muito ricas, tecidas e confeccionadas de diversas maneiras, que *no tenían precio ni es de creer que alguno de todos los príncipes del mundo de quien se tiene noticia las pudiese tener tales y de tal calidad*¹⁹. Maravilham o conquistador, principalmente os objetos em ouro e prata, alguns reservados ao monarca espanhol; outros, posteriormente, fundidos e transformados em imagens, crucifixos, taças, colheres.

O aspecto urbanístico de Tenochtitlán lembra Córdoba e Sevilha, com suas ruas amplas e calçadas e seus canais, onde a navegação permite a comunicação com as cidades vizinhas, através de canoas; em suas pontes, praças e mercados, um dos quais o dobro da cidade de Salamanca, perto de sessenta mil almas compram e vendem diversos *géneros de mercaderías*²⁰ e, ainda, cal, pedra lavrada, ladrilhos, madeira, animais e couro, ervas e raízes medicinais, frutas e verduras, tintas, vasilhas de barro.

Na época da conquista do México por Fernão Cortez, Montezuma era o imperador dos astecas. O monarca, muito religioso, acolhe o conquistador acreditando ser ele o enviado dos deuses, pois de acordo com seus oráculos e adivinhos, um dia os deuses retornariam. Entretanto, esse conquistador esmaga a resistência indígena e condena à morte o imperador.

A destruição da vida e da propriedade indígena pelos conquistadores também é tematizada na obra intitulada *O Paraíso Destruido*: brevíssima relação da destruição das Índias Ocidentais²¹. Seu

autor, Frei Bartolomé de Las Casas, inicialmente *encomendero*, toma parte na campanha de Panfilo de Narvaez, na conquista de Cuba. Posteriormente, ao ouvir um sermão de Frei Montesinos em favor do indígena, Las Casas renuncia a seus lotes de índios, ingressa na ordem dos dominicanos, passando a abraçar a causa dos nativos americanos.

A ambigüidade caracteriza o discurso desse religioso porquanto denuncia e recusa a violência, mas ao mesmo tempo deseja impor ao outro a sua religião que considera como a única e universal. Imbuído do espírito evangelizador, o dominicano realiza batizados e prédicas religiosas em meio a massacres e martírios. Para ele, importa expor as coisas da fé e levar as almas para o céu. Além disso, desejando dar provas da racionalidade dos indígenas, utiliza expressões qualitativas para designá-los: mansos, dóceis e crentes. Essa aparente docilidade e passividade pode conter a *manipulação ideológica na medida em que o discurso do conquistador só podia ter efeito e sentido quando referido ao discurso do índio. Aqui o referente calou-se*²², sendo uma forma silenciosa de resistência.

Para demonstrar a docilidade do índio, o dominicano contrapõe o desejo de *¡* poder e *status*, a ganância e a violência do *¡* conquistador, calculando em milhões a perda de almas que morrem sem fé e sem *¡* sacramento. A afirmação explícita que, num determinado momento, os índios demonstram cordialidade e certa passividade frente a seres enviados por seus deuses. Pode-se pensar, contudo, que essa passividade posteriormente foi camuflada em resistência por falsas indicações de tesouros em terras longínquas. A fundação de Castilla del Oro, cidade batizada com esse nome, tem origem nas informações dos índios de que por ali havia um rio onde se pescava ouro com redes.

O choque de tendências opostas resulta do combate de interesses da monarquia e dos individuais, os da fé e os do lucro. Pode-se perceber, ainda, a conquista como resultado de contradições da sociedade espanhola, de caráter unitário - um único Deus, um único senhor, um único idioma - diante de um conjunto de tendências plurais do mundo pré-hispânico - diversidade de raças, línguas e estados²³.

Tanto as vozes que se projetam em defesa do indígena quanto aquelas que o levam ao extermínio, seja através de matança, do suicídio coletivo, do aborto voluntário, embora em sua pretensão de relatar a verdade dos fatos, não são imparciais e transparentes. Da mesma forma, os povos subjugados jogam sobre essas vozes discordantes a dissonância de seus gestos e de suas palavras de modo a mostrar não só aos conquistadores como aos sacerdotes o que na realidade escondem. O jogo de mascarar a realidade contribui, além disso, para oferecer uma visão mestiça dos povos e dos fatos.

1.2 Visão mestiça

A obra²⁴ mais célebre da época colonial é escrita por um mestiço. Garcilaso de la Vega, filho de um capitão espanhol e de uma princesa, prima de Atahualpa, é considerado o primeiro escritor americano. Sua obra prima, *Comentários Reales* que trata da origem dos Incas (1609-1617), exalta a virtude e a grandeza desse povo. O Autor tem a pretensão de desvelar os discursos sobre a conquista do império inca, instituindo-se, portanto, como aquele capaz de devolver a voz a seu povo, fazer falar o silêncio daqueles que um dia foram massacrados pelos espanhóis. Na primeira parte de sua obra, Garcilaso registra a cultura do seu povo.

Determinado a construir uma genealogia incaica, o Autor recupera o tempo das origens, quando o sol manda seus filhos para fundar e povoar Cuzco. Na segunda parte, apóia-se nos registros de Lopes de Gomara, Agustín Zarate, Diego Fernandes e Blas Vera, este último, seu conterrâneo e também mestiço, para contradizer os intelectuais defensores da ética espanhola da conquista, através da violência, já que na opinião desses não havia nem Deus, nem lei, nem religião a preservar.

Garcilaso enaltece a história de seu povo, seus costumes, seu caráter, suas leis. Essa idealização deve provir da necessidade de redimir seu povo do estigma de barbárie, selvageria e incultura, e diminuir o menosprezo que os espanhóis sentem pelos nativos. O Autor organiza sua narrativa contra os valores autoritários e o discurso monológico imperial. Destacando as ações de seus governantes legítimos em benefício da comunidade andina, a organização agrícola excepcionalmente igualitária, com vistas ao bem-estar coletivo, denuncia su-bliminarmente a usurpação do poder pelos espanhóis.

As visões histórica e mestiça, embora de modo sucinto atestam, ao contrário de muitas vozes, o alto grau de cultura desses povos, incluindo-se aí o aspecto literário.

2. Visão literária

Constata-se que, do México ao Peru, na época da conquista, os povos extremamente avançados dessas regiões inscrevem-se nas páginas da História e da Literatura, com seus deuses, sua identidade, sua multiplicidade étnica e lingüística, seu multiculturalismo, sua organização sócio-política, seus sonhos e seus pesadelos. Várias dessas inscrições são encontradas em sua poesia, as quais,

aproximando-se do discurso da história, tentam revelar uma história outra, uma outra voz. As guerras da Conquista são destrutivas - parecem não só as cidades e seus habitantes mas também documentos são queimados por ordem dos missionários para obrigar os povos a abandonar suas crenças. O resgate posterior da memória cultural de alguns povos aparece impregnado pela voz do conquistador.

2.1 Literatura pré-hispânica

Passado o ímpeto da destruição, os religiosos que acompanham os colonizadores e conquistadores preocupam-se em recolher os relatos da vida cotidiana, dos costumes, das artes, dos povos destruídos. Assim puderam ser salvas as obras: *Popol Vuh*, *Chilam - Balam*, *Rabinal Achí* e *Ollantay*.

*Popol Vuh*²⁵ ou *Libro de Consejo*, a obra mais notável da antigüidade americana, tem como fonte um suposto manuscrito anônimo em língua quiché, com auxílio do alfabeto castelhano. Este livro foi traduzido para o espanhol, no final do século VII, por Frei Francisco Ximénez, que chegou à Guatemala em 1688, proveniente da Espanha. Nessa obra estão descritas, na primeira parte, a criação e a origem do homem, tendo como elemento natural o milho; na segunda, as aventuras dos deuses, os pares de gêmeos divinos Hunahpú e Ixbalanqué e seu prolongamento no mundo humano na forma de governantes duais do povo quiché; na terceira, apresenta-se uma série de notícias relacionadas à origem dos povos indígenas da Guatemala.

Outra obra igualmente importante é a chamada *Livro de Chilam-Balam*²⁶, do qual oito textos chegam até os nossos dias: *Chilam-Balam de*

Chumayel, *Chilam-balam de Tizimim*, *Chilam-Balam de Káua*, *Chilam-Balam de Ixil*, *Chilam-Balam Tusik* e *Códice Pérez*. Essas denominações dizem respeito ao nome do lugar de sua procedência. O conjunto de textos refere-se ao uso do calendário religioso de previsão baseado na sucessão de ciclos temporais. Os acontecimentos bons ou maus poderiam ocorrer novamente, num ciclo idêntico, sob o patrocínio das mesmas divindades. Contém ainda os livros predições que podem estar relacionadas à vinda do europeu.

O vestígio mais importante do teatro indígena é a tragédia ritual *Quiché Vinak*²⁷, também conhecida por *Rabinal Achí*, ou *Baile de Tun*, único drama pré-colombiano que sobrevive à conquista. Transcrita pelo sacerdote Charles-Étines Brasseur, radicado em Rabinal, com auxílio dos nativos, essa peça teatral em quiché corresponde a uma representação dramática local acompanhada de baile. Conta a história do herói quiché, com alusões aos usos e costumes dos povos de Verapaz que vivem os acontecimentos situados na metade ou final do século XV.

No drama *Ollantay*²⁸ os acontecimentos desenvolvem-se na época de Atahualpa, imperador inca. O enredo centraliza-se na figura do imperador e nas severas leis que regem a nobreza incaica. O imperador proíbe o casamento entre uma princesa e seu amante. Manda encerrá-la em uma gruta. Após muitos anos ela é encontrada pela filha, fruto do seu amor proibido. A pequena intercede junto a um novo imperador pela mãe que, perdoada, pode voltar aos braços do amado. Este drama revela a generosidade do inca ao perdoar, oferecendo um quadro dos costumes do seu povo.

2.2 Poesia

A criação estética revela-se através de mitos, de dramas e também de diversas temáticas poéticas, as quais cantam os deuses, os costumes, o amor e a morte.

2.2.1 Religiosa

Garcilaso de la Vega e Huaman Poma de Ayala resgataram através de depoimentos de parentes, de pessoas, ou observações do cotidiano de sua gente, não só os fatos de ordem histórica, mas também um expressivo conjunto de textos poéticos, sobressaindo-se os de cunho religioso referente às divindades da cultura Inca.

A poesia religiosa ou *Jailli Sagrado* englobam as composições poéticas pelas quais o homem se põe em contato com a divindade ou expressa seus sentimentos em relação aos deuses. Nos poemas de caráter religioso, a relação do homem com a divindade dá lugar a uma linguagem direta, que trata o deus, em especial Wiracocha, o criador do mundo, com a intimidade que nasce do amor e da veneração. Em geral, apresentam versos curtos e uma série de enumerações. Esses *Jaülis* deviam ser cantados nas solenidades religiosas de caráter periódico ou calendário, pelo corpo sacerdotal em presença do povo. Podia ser cantado, acompanhado por música e até por meio de dança. Poma de Ayala coleta algumas orações usadas em situações rituais como “Oración al Sol”:

*¡Oh Wiracocha,
mientras el sol se oculte
(en la noche) a los (hombres)
que apacientas,
dales serena
y aplacible luz lunar!*²⁹

No poema “Conductor del Mundo”, o poeta tematiza a atitude do crente que implora a piedade do criador para que mande chuva a fim de torná-lo afortunado:

*Ten piedad de mis lágrimas,
ten piedad de mi angustia.
la mas sofrida
de tus criaturas,
al más afortunado
de tus siervos
te implora con sus lágrimas.
Manda, pues, el prodigio
de tus aguas,
manda, pues, la merced
de tus lluvias
a este hombre infeliz,
a este vasallo
que gobiernas.*³⁰

O homem implora, evoca o auxílio do Wiracocha para que lhe mande chuva e renove a vida. Um dos poemas mais célebres trata-se do “Apu Inca Atawallpaman”, o qual descreve a morte do imperador Atahualpa e o sofrimento de seus súditos. Há uma simbiose entre o sofrimento da comunidade incaica e a natureza, instante em que esta associa-se ao lamento e compartilha da amarga perda:

*Las nubes de los cielos han bajado
Enegreciéndose
la madre Luna,
transida, con el rostro enfermo,
empequeñece.
Y todo y todos se esconden,
desaparecen,
padeciendo?*³¹

No texto seguinte, ainda de caráter religioso, o poeta acusa os espanhóis pela barbárie cometida contra seu imperador que, apesar de oferecer-lhes ouro, não teve a vida poupada:

*Enriquecido con el oro del rescate
el español
u horrible corazón por el poder
devorado;
empujándose unos a otros,
con ansias cada vez, cada vez más
oscuras,
fera enfurecida.
les diste cuando pidieron,
los colmaste;
te asesinaran, sin embargo.³²*

O poeta, representando o sentimento coletivo, expressa o abandonado, sua vida *pisoteada* e a mercê de mãos alheias, violentas, após a morte do imperador Atualpa pelos conquistadores europeus. Esse poema revela a truculência e a ganância desses que, mesmo tendo recebido o resgate em ouro, permitiram o assassinato do Imperador inca. Associada aos poemas religiosos sobressai a poesia lírica, que trata do amor, da amada e do amante, do desamor.

2.2.2 Poesia lírica

A poesia lírica, *arawi*, tem como tema a tristeza, o abandono, o amor ou os dotes da amada, a alegria do encontro. A mulher é metaforizada na delicadeza e no perfume da flor :

*Hermosa flor eres tú
punzante espina soy yo
tú eres ventura fecha vida,
pensar que cunde soy yo.³³*

enquanto o homem geralmente é descrito como espinho, como pode ser observado nos versos acima. Igualmente a pomba, com todo seu simbolismo, é representativa das qualidades da amada:

*Tu eres virginal paloma,
odiosa mosca soy yo
luna de nieve eres tú,
noche de pena soy yo.³⁴*

O amor e o desamor aparecem constantemente em diversos poemas como em “La Paloma Agreste”:

*¿ Qué viene a ser el amor
palomita agreste,
tan pequeño y esforzado,
desamorada;
que el sabio más entendido,
palomita agreste,
le hace andar desatinado?
desamorada.³⁵*

Ou da princesa que não sabe amar e, por isso precisa ser arrojada na água doce do lago para que *aprendas ahí, bebiendo el agua dulce, / que debo ser amado, / que debo ser querido³⁶*. A sensualidade dos amantes é selada pela delicadeza das imagens poéticas: *Palomita agreste, / enséñame tu camino, / desamorada; / para irme sin que me sientan.³⁷* Pequenas quadras relatam o sofrimento do amor não correspondido:

*Una sola vida tengo,
Y por ti la he de perder;
Ya te he dicho que te quiero,
Y me haces tú padecer.³⁸*

A literatura inscrita nestas páginas expressa sua origem pré-hispânica, através da plasticidade de expressões relacionadas aos elementos do mundo

mágico-religioso, da constante tendência metafórica e alegórica, de diversas alusões a divindades e aos elementos da natureza como o fogo, a água, o vento, o sol, a lua e todo o simbolismo daí decorrente, do primitivo colorido das imagens, da profusão de interjeições, exclamações e interrogações, das numerosas alusões a costumes indígenas. A delicadeza das imagens apontam para povos de grande musicalidade, sensibilidade poética e apurado gosto estético, ao contrário do paradigma que se refere ao indígena como inculto e bárbaro. Não só as crônicas da conquista, mas a literatura de origem pré-hispânica, resgatada posteriormente, destacam o grau de cultura dos povos que através de *jaillis*, *huainos*, *arawís* cantaram a sua terra, seus deuses e sua gente.

Notas

1. POMER, Léon. *História da América Hispano-Indígena*. Trad. Edimilson Antonio Bizelli. São Paulo: Global, 1983. p. 3-5.
2. Idem, p. 19.
3. COLOMBO, Cristóvão. *Diário da Descoberta da América: as quatro viagens*. Trad. Milton Person. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 48.
4. Idem, p. 53.
5. Idem, p. 45.
6. Idem, p. 45.
7. Idem, p. 45.
8. Idem, p. 49.
9. Idem, p. 49.
10. Idem, p. 66.
11. Idem, p. 66.
12. KLAREN, Sara C. Viaje y desplazamiento del sujeto colonial: Colón Y Lery en los trópicos. STEPHAN, Beatriz G. y COS-TIGÁN, Helena(Coord.). *Crítica y deseolonización: el sujeto colonial en la cultura latinoamericana*. Equinocio/Ediciones Universidad Simon Bolivar? The Ohio State University, 1992. p. 55.
13. SALE, Kirkpatrick. *A Conquista do Paraíso - Cristóvão Colombo e seu legado*. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992. p. 105.
14. Idem, n. 3, p. 123.
15. CORTEZ, Hernán. *Cartas de Relación*. Madrid: Historia 16, 1985. p.7-32.
16. Idem, p. 66.
17. Idem, p. 72.
18. Idem, p. 105.
19. Idem, p. 130.
20. Idem, p. 132.
21. LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *O Paraíso Destruido: brevíssima relação da destruição da Índias*. Trad. Heraldo Bar-buy. Porto Alegre: L&PM,1991. p. 11-25.
22. BRUIT, Héctor H. O visível e o invisível na conquista da América. VAINFAS, Ronaldo (Org.) et al. *América em Tempo de Conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 82.
23. VEJA, Garcilaso de la. Comentarios Reales de los Incas. _____ *Obras Completas*. Madrid: Atlas. 1960. p. 3-15.

24. POPOL VUH - las antiguas historias del quiche.. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

25. EL LIBRO DE LOS LIBROS DE CHI-LAM BALAM. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 9.

26. QUICHE VINAK - Tragedia. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p. 9-22.

27. FRANCH, José Alcina. *Mitos y literatura quechua*. Madrid: Alianza Editorial, 1989. p. 89.

28 ídem, **P** 37

. -

29 ídem, **P** 37

. -

30 ídem, **P** 44

. -

31 ídem, **P** 46

. -

32 ídem, **P** 48

. -

33 ídem, **P** 51

. -

34 ídem, **P** 51

. -

35 ídem, **P** 58

. -

36 ídem, **P** 59

. -

37 ídem, **P** 58

. -